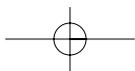


1. A IMAGEM

As imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço e no tempo. As imagens são, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano. Devem a sua origem à capacidade de abstracção específica a que podemos chamar *imaginação*. No entanto, a *imaginação* tem dois aspectos: se, por um lado, permite abstrair de duas dimensões dos fenómenos, por outro, permite reconstituir as duas dimensões abstraídas na imagem. Noutros termos: a *imaginação* é a capacidade de codificar fenómenos de quatro dimensões em símbolos planos e descodificar as mensagens assim codificadas. *Imaginação* é a capacidade de fazer e decifrar imagens.

O factor decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos. O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captada por um golpe de vista. No entanto, tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser «aprofundar» o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem. Este vaguear pela su-



perícia é chamado *scanning*. O traçado do *scanning* segue a estrutura da imagem, mas também os impulsos no íntimo do observador. O significado decifrado por este método será, pois, o resultado de síntese entre duas «intencionalidades»: a do emissor e a do receptor. As imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como o são as cifras: não são «denotativas». As imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: são símbolos «conotativos».

Ao vaguear pela superfície, o olhar vai estabelecendo relações temporais entre os elementos da imagem: um elemento é visto após o outro. O olhar reconstitui a dimensão do tempo. O vaguear do olhar é circular: tende a voltar para contemplar elementos já vistos. Assim, o «antes» torna-se «depois», e o «depois» torna-se «antes». O tempo projectado pelo olhar sobre a imagem é o do eterno retorno. O olhar dia-croniza a sincronicidade *imagética* por ciclos. Ao circular pela superfície, o olhar tende a voltar sempre para os elementos preferenciais. Tais elementos passam a ser centrais, portadores preferenciais do significado. Deste modo, o olhar vai estabelecendo relações significativas. O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do canto do galo; no circular, o canto do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao canto do galo. Noutros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis.

O carácter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens. As imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas. Não que as imagens *eternalizem* eventos; elas substituem eventos por cenas. E tal poder mágico, inerente à estruturação plana da imagem, domina a dialéctica interna da imagem, própria de

todas as mediações e que nelas se manifesta de forma incomparável.

As imagens são mediações entre o homem e o mundo. O homem «existe», isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. As imagens têm o propósito de lhe representar o mundo. Mas ao fazê-lo, entropõem-se entre mundo e homem. O seu propósito é serem mapas do mundo, mas passam a ser biombos. O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver o mundo em função de imagens. Cessa de decifrar as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como um conjunto de cenas. Esta inversão da função das imagens é a idolatria. Para o idólatra — o homem que vive magicamente —, a realidade reflecte imagens. Podemos observar hoje, de que forma se processa a *magicização* da vida: as imagens técnicas, actualmente omnipresentes, ilustram a inversão da função *imagética* e *remagicizam* a vida.

Trata-se de alienação do homem em relação aos seus próprios instrumentos. O homem esquece-se do motivo pelo qual as imagens são produzidas: servirem de instrumentos para orientá-lo no mundo. A *imaginação* torna-se alucinação e o homem passa a ser incapaz de decifrar imagens, de reconstituir as dimensões abstraídas. No segundo milénio a.C., esta alucinação alcançou o seu apogeu. Surgiram pessoas empenhadas na «rememoração» da função originária das imagens, que passaram a rasgá-las a fim de abrir a visão para o mundo concreto escondido pelas imagens. O método do rasgamento consistia em desfiar as superfícies das imagens em linhas e alinhar os elementos *imagéticos*. Eis como foi inventada a escrita linear. Tratava-se de transcodificar o tempo circular em linear, traduzir cenas em processos. Surgia assim a *consciência histórica*, consciência dirigida contra as imagens. Facto nitidamente observável entre os filósofos pré-socráticos e sobretudo entre os profetas judeus.

A luta da escrita contra a imagem, da consciência histórica contra a consciência mágica caracteriza a História toda. E terá consequências imprevistas. A escrita funda-se sobre a nova capacidade de codificar planos em rectas e abstrair todas as dimensões, com excepção de uma: a da *conceptualização*, que permite codificar textos e decifrá-los. Isto mostra que o pensamento conceptual é mais abstracto que o pensamento imaginativo, pois preserva apenas uma das dimensões do espaço-tempo. Ao inventar a escrita, o homem afastou-se ainda mais do mundo concreto quando, efectivamente, pretendia aproximar-se dele. A escrita surge de um passo para aquém das imagens e não de um passo em direcção ao mundo. Os textos não significam o mundo directamente, mas através de imagens rasgadas. Os conceitos não significam fenómenos, significam ideias. Decifrar textos é descobrir as imagens significadas pelos conceitos. A função dos textos é explicar imagens, a dos conceitos é analisar cenas. Noutros termos: a escrita é o metacódigo da imagem.

A relação texto-imagem é fundamental para a compreensão da história do Ocidente. Na Idade Média, assume a forma de luta entre o cristianismo textual e o paganismo imagético; na Idade Moderna, luta entre a ciência textual e as ideologias imagéticas. A luta, porém, é dialéctica. À medida que o cristianismo vai combatendo o paganismo, ele próprio vai absorvendo as imagens e paganizando-se; à medida que a ciência vai combatendo as ideologias, vai ela própria absorvendo imagens e ideologizando-se. Porque ocorre isto? Embora os textos expliquem as imagens a fim de rasgá-las, as imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de *remagicizá-los*. Graças a esta dialéctica *imaginação* e *conceptualização*, que mutuamente se negam, vão-se mutuamente reforçando. As imagens tornam-se cada vez mais conceptuais e os textos cada vez mais imagéticos. Actualmente, o maior poder conceptual reside em certas imagens e o maior poder imagético

em determinados textos da ciência exacta. Deste modo, a hierarquia dos códigos vai ser perturbada: embora os textos sejam um metacódigo de imagens, determinadas imagens passam a ser um metacódigo de textos.

No entanto, a situação complica-se ainda mais devido à contradição interna dos textos. Eles são mediações tanto quanto o são as imagens. O seu propósito é mediar entre o homem e as imagens. Ocorre, porém, que os textos podem tapar as imagens que pretendem representar algo para o homem. Este passa a ser incapaz de decifrar os textos, não conseguindo reconstituir as imagens abstraídas. Passa a viver já não para se servir dos textos, mas em função destes. Surge a textolatria, tão alucinatória como a idolatria. Exemplo impressionante de textolatria é a «fidelidade ao texto», tanto nas ideologias (cristã, marxista, etc.), quanto nas ciências exactas. Tais textos passam a ser inimagináveis, como o é o universo das ciências exactas: não pode e não deve ser imaginado. No entanto, como o derradeiro significado dos conceitos são imagens, o discurso científico passa a ser composto de conceitos vazios; o universo da ciência torna-se um universo vazio. A textolatria assumiu proporções críticas no percurso do século passado.

A crise dos textos implica o naufrágio da História toda, que é, estritamente, o processo de recodificação de imagens em conceitos. A História é a explicação progressiva de imagens, *desmágicação*, *conceptualização*. Lá, onde os textos já não significam imagens, nada resta a explicar, e a história pára. Em tal mundo, as explicações passam a ser supérfluas: um mundo absurdo, o mundo da actualidade.

Pois é precisamente num tal mundo que estão a ser inventadas as imagens técnicas. E em primeiro lugar, as fotografias, a fim de ultrapassar a crise dos textos.